

Multiterritorialidade no Facebook: cidadãos em busca de autonomia

Alice Pavanello¹

Resumo

Em páginas do Facebook criadas por moradores de bairros periféricos com a intenção de trocar informações hiperlocais (NUNES, 2017), os cidadãos que já compartilham uma proximidade geográfica podem criar multiterritórios de informação. Por meio do método etnográfico para internet (HINE, 2015), este artigo analisa como acontecem e quais as características dos processos de desterritorialização e reterritorialização dos sujeitos nos campos digitais. Para tal, utiliza-se o embasamento teórico de Haesbaert (2014), Santos (2006) e Lemos (2007). Conclui-se que a multiterritorialidade se dá em perfis pessoais e páginas e que os processos de reterritorialização acontecem devido à necessidade de reforçar a ideia de comunidade e de buscar a resolução de problemas sem depender do poder público.

Palavras-chave: multiterritorialidade; periferia; Facebook.

Abstract

In Facebook pages created by residents of peripheral neighborhoods with the intention of exchanging hyperlocal information (NUNES, 2017) citizens who already share a geographic proximity, can also create multiterritories of information. Applying the ethnographic method to the Internet (HINE, 2015), this article analyzes how the processes of deterritorialization and reterritorialization of the subjects in the digital fields occur and what are the characteristics of the processes. For this, as a theoretical basis is used the perspective of Haesbaert (2014), Santos (2006) and Lemos (2007). It is concluded that the multiterritoriality occurs in personal profiles and pages and that the processes of reterritorialization happen due to the need to reinforce the idea of community and to seek the resolution of problems without depending on the public power.

Keywords: multiterritoriality; periphery; Facebook.

Introdução

Um espaço pressupõe a interação entre homem e natureza. Os espaços são constituídos da relação entre os fenômenos naturais e sociais, enquanto território é o poder exercido no espaço. Quando se exerce poder em um espaço ele se territorializa, da mesma forma que, ao passo que esse poder é limitado, ocorre uma desterritorialização (SANTOS, 2006). Nessa perspectiva, nos ambientes virtuais as plataformas digitais podem ser consideradas espaços constituídos de territórios onde cada indivíduo ou grupo exerce poder em algum nível.

¹Professora Substituta da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, no curso de graduação em Jornalismo. Mestra em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais do Poscom-UFSM. Especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale dos Sinos - Unisinos (2015). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (2009). Atuou como repórter e editora por sete anos na RBS TV nas cidades de Santa Rosa, Bagé e Santa Maria. No período teve a oportunidade de participar de importantes coberturas nacionais como a da Tragédia da Boate Kiss, Caso do Menino Bernardo e da Seca no Rio Grande do Sul.

Um mapeamento apontou a existência de 156 páginas criadas no Facebook por moradores de bairros do Rio de Janeiro (NUNES, 2017). Essas páginas se caracterizam por uma construção colaborativa de indivíduos, com foco na troca de informações sobre a comunidade onde estão inseridas, pelo compartilhamento de textos, vídeos, imagens que falam sobre problemas, crimes, eventos e outras situações vivenciadas pelos moradores. A criação dessas páginas, que apresentam as realidades “hiperlocais” (NUNES, 2017) dos bairros, possibilita para esses cidadãos a construção de territórios virtuais nos quais podem fortalecer identidades coletivas e individuais por meio da comunicação. Mesmo que 70 milhões de brasileiros não tenham acesso à internet², ainda assim ela possibilita que algumas barreiras físicas, geográficas e identitárias sejam rompidas. Em plataformas digitais, moradores de comunidades consolidam laços formados na convivência do espaço geográfico e onde diferentes identidades encontram expressão (NUNES, 2017). Destaca-se que o Rio de Janeiro é uma cidade brasileira com iminente mobilização comunitária e que, historicamente, têm sido arena de disputas em torno de projetos e lutas de classificação valorativa, como as favelas e as periferias, bem como a cidade como um todo (ENNE, 2012).

As páginas PPG Informativo³ e Rocinha em Foco⁴ são exemplos de páginas do Facebook mapeadas no Rio de Janeiro e apresentadas na pesquisa citada. Iniciativas como essas podem ser vistas também em outras cidades do país que hoje tem 130 milhões de pessoas inscritas no site de rede social Facebook⁵. Como exemplo, a página Loteamento Cipriano da Rocha⁶ criada por moradores do bairro Pinheiro Machado em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. As múltiplas possibilidades de formação de territorialidades não se constituem apenas no sentido político e econômico, mas também simbólico-cultural. Para muitos grupos não hegemônicos a definição de território está relacionada com uma construção identitária como um elemento propulsor de empoderamento. Assim esses indivíduos buscam uma “construção de territorialidades

² Informações da Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_2016_LivroEletronico.pdf> Acesso em: 6 out. 2019.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/PPGINFO/>. Acesso em: 6 out. 2019.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/rocinhaemfocooficial/>. Acesso em: 6 out. 2019.

⁵ Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm>>. Acesso em: 6 out. 2019.

⁶ Disponível em: Disponível em: <https://www.facebook.com/Loteamentociprianodarocha/>. Acesso em: 6 out. 2019.

alternativas em que a concepção de território é reelaborada a partir de suas próprias experiências vividas” (HAESBAERT, 2014, p.63). A territorialidade é compreendida pelo autor como materialidade manifestada pelo controle físico, como imaterialidade pelo controle simbólico de uma identidade territorial e ainda como espaço vivido conjugando as materialidades e imaterialidades.

Para Haesbaert (2014) não existe uma desterritorialização sem que, como consequência, aconteça uma reterritorialização. As territorializações são criadas como forma de controle social visando afetar e influenciar pessoas. A partir dessa lógica é possível pensar na construção de multiterritorialidades em plataformas virtuais. Dessa forma, a proposta deste artigo é pensar como se dá e quais as características dos processos de formação de multiterritorialidades no momento em que moradores de bairros se conectam por meio das páginas do Facebook. Mesmo que esses sejam casos pontuais que não possam refletir como as plataformas digitais e a internet são utilizadas por todos, uma vez que a mesma tecnologia tem efeitos diferentes em cada contexto, pode, em algum nível, oferecer uma demonstração sobre o comportamento de grupos na sociedade em rede. O fenômeno também é relevante em um contexto de busca por autonomia comunicativa.

A discussão proposta por este artigo será desenvolvida em três partes, além das considerações finais. Na primeira, acionamos os conceitos de territorialidade, território-rede e multiterritorialidade. Na segunda, apresentamos as páginas de bairros no Facebook e a categorização das publicações utilizadas como *corpus* da pesquisa, para então discutir e interpretar os dados analisados.

Multiterritorialidades em rede

Uma das características da contemporaneidade é a criação de redes que estabelecem ligações em tempo real. Essas conexões são organizadas por meio do discurso e articuladas no mundo todo, o que é possível graças a revolução técnica das telecomunicações e dos computadores.

Esse discurso é a linguagem das normas e ordens que atores longínquos fazem repercutir instantaneamente e imperativamente sobre outros lugares distantes. Tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos. (SANTOS, 2006, p.179)

Para o autor, a globalização e as redes ampliam o conceito de território, sendo necessário pensar no mesmo como um espaço marcado pelo humano e não apenas um

espaço físico. Desta forma tendo a possibilidade de ser moldado de acordo com aspectos simbólicos e identitários. Ideia reforçada por Haesbaert (2014) ao afirmar que enquanto a lógica capitalista hegemônica vê o território como instrumento de dominação, sujeito a exploração, a ideia contra-hegemônica vê o território como “espaço vivido” onde os indivíduos são agentes que compõem e interagem com esse meio. O território é socialmente construído e se dá com foco nas relações de poder.

O território e as dinâmicas de desterritorialização (sempre de mão dupla) devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m). (HAESBAERT, 2014, p.58).

Ao pensar território e rede de forma articulada, o autor apresenta o conceito de “territórios-rede”, que possibilitaria a sociedade experimentar uma intensificação do que chama de multiterritorialidade. Na compreensão de Haesbaert (2014) as redes são elementos dos processos de territorialização marcados pela mobilidade, imprevisibilidade e fluidez. “Falar não simplesmente em desterritorialização, mas em multiterritorialidade e territórios-rede, moldados no e pelo movimento, implica reconhecer a importância estratégica do espaço e do território na dinâmica transformadora da sociedade.” (HAESBAERT, 2014, p. 85). Almeida (2014) explica que as multiterritorialidades para Haesbaert são constituídas por grupos ou indivíduos que “constroem territórios flexíveis, multifuncionais e multi-identitários” sendo uma ação ou processo, “por meio do qual acessam-se ou conectam-se diferentes territórios individual e coletivamente, e de forma concreta promovida por deslocamentos físico, ou virtual com a utilização das facilidades e relações do ciberespaço.” (ALMEIDA, 2014, p. 76)

Em meio a esse comportamento contemporâneo multiterritorializante, Lemos (2005, 2007) argumenta que os processos de controle e acesso à informação promovem as dinâmicas de desterritorializações e reterritorializações. O autor define territórios informacionais como “áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano” (LEMOS, 2007, p.14). Para o autor a internet tem a função desterritorializante em aspectos políticos, econômicos, culturais e subjetivos no momento em que provoca o desencaixe⁷ da compreensão espaço-tempo.

⁷ Lemos se refere a uma das características da modernidade na concepção de Anthony Giddens. O caráter dinâmico da vida social moderna se dá entre outros aspectos pelo desencaixe em que foi possível deslocar as “relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo” (GIDDENS, 2002, p. 24).

O ciberespaço cria linhas de fuga e desterritorializações, mas também reterritorializações. Os meus blog, site, chats, podcast, rede P2P, são reterritorializações, formas de controle do fluxo de informações em meio ao espaço estriado que constitui o ciberespaço planetário. (LEMOS, 2005, p.6)

Mesmo que a internet seja controlada por mecanismos técnicos com lógicas algorítmicas (PARISER, 2012) e grandes corporações de mídia (CASTELLS, 2015), as organizações sociais estão constantemente criando possibilidades de linhas de fuga e reterritorializações com ações nas plataformas digitais onde o acesso ou não-acesso à informação determina o processo de desterritorialização e territorialização dos grupos (LEMOS, 2005). Miller (2007) corrobora com a ideia, ao dizer que a utilização das tecnologias digitais de comunicação foi vista inicialmente como uma ferramenta de globalização, mas que na verdade acabaram se tornando importantes elementos de localização, com as quais é possível criar significados diferentes dependendo de quem as utiliza.

Compreende-se então que ao criarem páginas no Facebook e estabelecerem outros canais em plataformas digitais para por em fluxo um processo de troca de informações sobre a localidade, os moradores de bairros estão criando múltiplos territórios informacionais na internet⁸ que se interconectam com os territórios urbanos delimitados geograficamente pelos limites do bairro. As formas como essas páginas são apropriadas e a criação de territórios de informação serão discutidos na próxima seção deste artigo.

Páginas de bairros no Facebook

A funcionalidade das páginas no Facebook, também chamadas de fanpages, são descritas pela própria plataforma como sendo “destinadas às marcas, empresas, organizações e figuras públicas, para que possam criar uma presença no Facebook, enquanto os perfis representam indivíduos.”⁷. Como qualquer ferramenta, as páginas podem ser apropriadas para diferentes finalidades (MILLER; HORST, 2015) desde a venda de produtos, divulgação de marcas e como alternativa comunicativa para integrantes de comunidades que sentem a necessidade de compartilhar informações com

⁸ As autoras optaram por utilizar internet e não ciberespaço por acreditar que o termo faz distinção entre os ambientes online e offline. Aceitamos que atualmente a internet está incorporada à vida cotidiana (Hine, 2015) não fazendo mais sentido se referenciar a ela como algo separado do espaço em que vivemos.

um grande grupo de indivíduos. Sendo as fanpages um recurso aberto e acessível a todos que possuam acesso à internet e uma conta no Facebook, indivíduos podem participar de diferentes páginas que estejam de acordo com seus objetivos e afinidades. As páginas disponibilizam a ferramenta “Curtir” acionada por quem deseja ver no Feed de Notícias individual o que é publicado pelo administrador da página e a ferramenta “Seguir” com a qual é possível escolher a frequência de visualização das postagens e até mesmo solicitar o recebimento de notificações no momento em que são feitas. Entretanto, vale ressaltar, que apenas o administrador da página, ou pessoas autorizadas por ele podem fazer publicações e até mesmo gerenciar comentários postados por quem acompanha a página, uma forma de controle sobre a informação retratada.

As páginas de bairros criadas por moradores no Facebook têm como foco a troca de informações sobre a realidade local, a maioria bairros periféricos, os quais recebem pouca visibilidade por parte da mídia tradicional, que normalmente privilegia as regiões mais nobres onde está localizado o público majoritário desses veículos (NUNES, 2017). Sendo o território, na perspectiva de Haesbaert (2014), uma relação de poder, onde há sempre um contrapoder, distinto de acordo com aqueles que o constroem, compreende-se a criação dessas páginas como um contínuo processo de reterritorializações impulsionadas pela perda de poder de representatividade e visibilidade por parte desses grupos desprivilegiados seja econômica ou simbolicamente.

A fim de analisar as páginas no Facebook criadas por moradores para entender como se dão esses processos de desterritorialização e reterritorialização são analisadas três fanpages selecionadas após a realização de um estudo exploratório (PAVANELLO, 2017) duas do Rio de Janeiro: PPG Informativo e Rocinha em Foco e outra de Santa Maria: Loteamento Cipriano da Rocha. O Rio de Janeiro foi escolhido devido a uma experiência prévia de pesquisa na comunidade Pavão, Pavãozinho e Cantagalo por uma das autoras e Santa Maria, pois é onde está sediado o Programa de Pós-Graduação ao qual estão filiadas as duas autoras do artigo. Será aplicada a metodologia de etnografia para internet (HINE, 2015) com a qual é possível ter uma compreensão holística sobre as comunidades partindo de uma visão multifacetada de como a vida é vivida em aspectos familiares, culturais, de gênero entre outros e tendo foco na incorporação das tecnologias e as adaptações por diferentes pessoas e grupos possibilitando “estudar a internet como fenômeno contextual e contextualizador” (HINE, 2015, p.27). Para tal optou-se pela observação não participante (JOHNSON, 2010) com a coleta,

categorização e análise de postagens feitas nas três páginas do Facebook durante dez dias no período entre 20 e 30 de novembro de 2017.

Num primeiro momento as postagens foram quantificadas e divididas em cinco categorias. *Serviço*: inclui as postagens contendo informações de serviços oferecidos por empreendimentos da comunidade, informações sobre horários de funcionamento de órgãos públicos e comunitários, notícias publicadas em outros veículos sobre a comunidade; *denúncia*: nos quais estão alertas de troca de tiros na comunidade, problemas de descaso como descarte de lixo em local irregular e vazamento de água; *oportunidades*: nos quais são divulgadas vagas de emprego, cursos e estágios; *classificados*: que inclui notas de desaparecimento de pessoas e animais, achados e perdidos, cães e gatos para adoção, obituário e, por fim, a categoria de *entretenimento*: em que foram contabilizados eventos realizados na comunidade e postagens contendo amenidades. Cada uma dessas postagens fomenta comentários, reações (curti, amei, haha, uau, triste, grr) e compartilhamentos que são ferramentas conversacionais disponibilizadas pelo Facebook (RECUERO, 2014) que possibilitam aos indivíduos demonstrarem seus sentimentos com relação ao conteúdo da publicação.

A página PPG Informativo engloba assuntos de interesse da comunidade formada pelos morros Pavão, Pavãozinho e Cantagalo localizados entre os bairros Copacabana e Ipanema no Rio de Janeiro, capital do Estado, onde vivem mais de 10 mil pessoas. A página no Facebook, em dezembro de 2017, tinha mais de 10 mil curtidas. Ela foi criada por uma moradora do complexo de favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, em 2014, e é apresentada com a missão de “fortalecer a comunicação interna entre os moradores locais”⁹. Na seção de informações sobre a página também estão indicadas outras formas de comunicação como e-mail, blog e Instagram. Existe ainda mais uma plataforma empregada para comunicação, criada como extensão da página que é o grupo de mensagens no aplicativo de conversas de celular WhatsApp “usa o serviço de lista de transmissão, uma forma de propagar a informação para diversos moradores ao mesmo tempo e de maneira instantânea”. No período analisado, foram feitas 46 publicações na página categorizadas da seguinte maneira:

Tabela 1: Postagens na página do Facebook PPG Informativo

Categoria	Número de postagens
Serviço	18
Denúncia	8
Oportunidades	8

Entretenimento	7
Classificados	5

O maior número de postagens na categoria Serviço indica uma preocupação da administradora com que a página seja relevante para a comunidade e em constituir um território em que circulem informações locais como forma de ampliar o acesso a elas. Como exemplo citamos a publicação do dia 25 de novembro, em que é compartilhada uma notícia do jornal Extra sobre a greve em clínicas médicas de atendimento às famílias com a hashtag #FiqueSabendo. E a postagem do dia 26, em que são divulgadas informações sobre como os moradores devem proceder para fazer a inscrição de alunos em escolas públicas. O grande número de publicações em Denúncia, sobre problemas na comunidade, evidencia a necessidade de uma articulação interna dos moradores para resolução das demandas locais. Sendo eles pertencentes a grupos não hegemônicos no que tange aspectos simbólicos, econômicos e políticos de poder precisam encontrar formas alternativas de resolver as problemáticas do bairro.

Dentre as publicações, encontram-se três em Denúncia identificadas como #clickdomorador e #correiocomunitario que enfatizam a colaboração dos seguidores da página na construção da comunicação. No dia 21 de novembro, uma postagem apresenta a solução de um problema que havia sido comunicado a administradora da página via WhatsApp o que revela um fluxo de informações em diferentes plataformas. A imagem utilizada para ilustrar a postagem é uma reprodução da tela do celular (print) contendo a conversa com o morador e uma traça escrito “resolvido” em cima da figura.

Percebe-se também que muitas postagens foram compartilhadas por indivíduos em suas páginas particulares na rede social como uma forma de propagar a informação. É o caso de uma publicação que teve 26 compartilhamentos. Ela é categorizada como Classificados, feita no dia 27 de novembro e consta a informação de que um menino morador da comunidade, que estava desaparecido, foi localizado. A intenção de compartilhar o conteúdo de uma postagem também é evidenciado através dos comentários nos quais outras pessoas são citadas, como um convite para visualizarem o conteúdo do post. O fato é visto, por exemplo, em uma postagem do dia 25 de novembro em que é publicada a oferta de vaga de emprego para recepcionista, também categorizada como Classificados.

A página Rocinha em Foco tem conteúdo direcionado para moradores da favela da Rocinha que tem mais de 71 mil habitantes. Seus 95 hectares ficam localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro entre os bairros São Conrado e Vidigal. A página no

Facebook tem mais de 79 mil curtidas e foi criada por uma moradora, em 2013. Como descrito na apresentação, a fanpage tem o “intuito de mostrar o dia a dia dos moradores, acontecimentos e problemas da nossa comunidade”. Também consta um e-mail para contato com a administradora da página que recentemente também divulga um perfil no Instagram com a mesma funcionalidade da página. Em uma conversa rápida com criadora da página, por meio das redes sociais, ela disse que também recebe informações dos moradores via WhatsApp. Nos dez dias em que a página foi analisada, foram feitas 69 publicações distribuídas nas seguintes categorias:

Tabela 2: Postagens da página no Facebook Rocinha em Foco

Categoria	Número de postagens
Serviço	25
Denúncia	6
Oportunidades	7
Entretenimento	16
Classificados	15

Mais uma vez a categoria Serviço tem o maior número de publicações. No dia 28 de novembro, é publicada uma notícia do site G1 com informações sobre como quem recebe menos que um salário mínimo pode contribuir para o INSS. No mesmo dia, é compartilhado, na página, um convite para que os moradores participem de um ato em defesa da saúde, o que mostra a necessidade de fazer com que as informações que possam beneficiar os moradores locais circulem por mais espaços.

Porém, mesmo que as postagens enquadradas como Denúncia sejam as em menor número, duas dessa categoria se destacam pela quantidade de interações. Elas mostram vídeos feitos com celular por moradores e trabalhadores da comunidade. Os dois, do dia 30 de novembro, retratam o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, sendo cobrado por funcionários do Centro Municipal de Saúde Nagib Jorge Farah que estão em greve por melhores condições de trabalho e liberação de verbas públicas para o atendimento dos moradores. Em uma das postagens, o vídeo está acompanhado de trechos transcritos da conversa com o prefeito com algumas informações sendo contestadas, identificadas com a palavra “mentira” e seguidas de uma explicação. A autoria do texto está creditada como sendo dos “profissionais do movimento em greve”. Percebe-se a criação de um território onde os integrantes se sentem empoderados para contestar a informação lançada do lado hegemônico e recebem apoio comunitário para

tal atitude. A publicação teve 45 compartilhamentos e o vídeo foi visto mais de 3 mil e trezentas vezes.

A análise das postagens também dá indícios de que o ambiente virtual interfere nas mobilizações que acontecem nas ruas da comunidade. A publicação citada anteriormente, do dia 28 de novembro, convidando para o ato em defesa da saúde, teve 20 compartilhamentos e 58 reações. Em outra postagem, feita no dia 29, pela administradora da página está um vídeo gravado com celular que mostra a manifestação realizada por moradores e funcionários da saúde. O vídeo teve mais de 6 mil visualizações e a publicação, 79 compartilhamentos e 323 reações. Na comunidade, também é utilizada uma identificação para marcar a colaboração dos moradores. Entretanto com teor diferente da página analisada anteriormente. A hashtag #clickdemorador é classificada nesta página na categoria entretenimento e é empregada em fotografias com imagens que valorizam as paisagens urbanas e naturais da favela da Rocinha.

A terceira página analisada foi criada por moradores do Loteamento Cipriano da Rocha, localizado no Bairro Pinheiro Machado, região periférica de Santa Maria onde foram construídas 543 unidades habitacionais¹² com verbas do Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal. São cerca de dois mil moradores que foram alocados na área entre 2009 e 2010. A fanpage Loteamento Cipriano da Rocha tem pouco mais de mil curtidas, foi criada em 2012 e é apresentada com a missão de “reclamar a intervenção dos órgãos competentes e representar em juízo propondo ações civis públicas, ou de qualquer outra natureza, que se faça necessárias, sempre que os direitos dos moradores e beneficiários do Loteamento Cipriano da Rocha forem, de alguma forma, ameaçados ou desrespeitados”¹³. Na página também há informações sobre outros meios de contato como e-mail e indicações para a existência de um grupo fechado de moradores com 241 membros. Durante os dez dias analisados, foram realizadas quatro postagens na página, todas elas na categoria Serviço.

Tabela 3: Postagens da página no Facebook Loteamento Cipriano da Rocha

Categoria	Número de postagens
Serviço	4
Denúncia	0
Oportunidades	0
Entretenimento	0
Classificados	0

As publicações contêm informações sobre como doar para campanha de Natal da localidade, atualização de cadastro do Bolsa Família e regularização fundiária. A postagem que teve maior número de interações foi do dia 24 de novembro, com 11 curtidas, 3 comentários e 2 compartilhamentos. A publicação compartilhava uma notícia com dados de locais para que a população pudesse atualizar o cadastro de programas sociais citando como fonte a Prefeitura de Santa Maria o que mostra a intenção de tornar acessível as informações que favoreçam o bem-estar dos moradores locais, numa intenção de apoio pelas causas locais.

Análise e interpretação dos dados

A partir da análise das interações entre moradores via plataformas digitais e do conteúdo das publicações coletadas, percebe-se que as territorialidades no Facebook se formam com a criação de perfis e de páginas, uma vez que esses são territórios em que há um controle do fluxo de informação (LEMOS, 2007). Dentro do perfil, o usuário dono da conta detém o poder, uma vez que possui autonomia para publicar o que quiser. Entretanto nas páginas, o administrador é quem controla o fluxo de informações, sendo ele o único que pode fazer postagens e gerenciar comentários. A dinâmica que orchestra a relação entre as multiterritorialidades, formadas por perfis e páginas, é o fluxo de informações que circula por diferentes territórios de informação como os perfis e as páginas e também em blogs, Instagram e WhatsApp (LEMOS, 2005).

O dono de cada perfil, por meio do seu comportamento na rede social, cria sua própria identidade. Ao curtir, comentar ou compartilhar postagens das páginas de bairros, apresentadas como espaços legítimos para falar de assuntos da comunidade, esses indivíduos têm a possibilidade de usufruir da reputação dessas páginas e se posicionar como morador interessado e participativo dos temas da comunidade, ampliando assim seu poder simbólico local.

A convergência de pessoas para uma página específica no Facebook é motivada pelo compartilhamento das experiências vividas (HAESBAERT, 2014) no ambiente físico ao qual a página está relacionada. Observa-se que o comportamento convergente é uma escolha dos moradores e não uma exigência dos mecanismos de funcionamento da plataforma. Embora não seja obrigatório seguir ou curtir a página para ter acesso ao que é publicado, o fato de se conectar à página por meio desses vínculos digitais,

reforça a ideia de comunidade e a sensação de pertencimento àquele território virtual e consequentemente ao físico.

O estímulo para que os moradores se conectem por meio das páginas de bairros são os conteúdos das publicações feitas ou compartilhadas pelos administradores das mesmas. Apesar de uma grande discrepância com relação ao número de seguidores das páginas e como consequência de interações com o que é publicado, percebe-se muita semelhança no conteúdo das postagens, voltado para a troca de informações que interessam aos moradores dos bairros em que estão inseridas as páginas, com o compartilhamento de fotos, vídeos, imagens sobre problemas, crimes e eventos da comunidade.

A publicação e a circulação desses conteúdos são a base da dinâmica de funcionamento das páginas de bairros no Facebook e tem, em geral, o objetivo de viabilizar o acesso à informação para que os moradores possam buscar seus direitos básicos como saúde, educação e segurança. Ao serem compartilhados nas páginas serviços de atendimento em posto de saúde, denúncias de tiroteio na comunidade, vagas de empregos disponíveis se cria um território em que impera o interesse da comunidade sendo essa uma forma de reterritorialização, a partir de uma perda de território em veículos tradicionais de comunicação.

Destaca-se também que o fato de o Rio de Janeiro ser uma cidade historicamente com grande mobilização comunitária (ENNE, 2012) pode ter contribuído com a apropriação das plataformas digitais para a circulação de informações de cunho cidadão, em alguns casos fazendo as vezes de jornais e rádios comunitárias. O que talvez ajude a explicar o grande número de seguidores das páginas PPG Informativo e Rocinha em Foco em comparação com a Loteamento Cipriano da Rocha em Santa Maria, bairro criado a pouco tempo em uma cidade sem grande tradição comunitária.

O caráter colaborativo da construção das páginas, que se nota principalmente na PPG Informativo e na Rocinha em Foco, mostra um sentimento de empoderamento por parte dos indivíduos que encontram nesses territórios virtuais formas de se mobilizar em benefício da comunidade, cobrar respostas de autoridades e incentivar ações efetivas. Essa força de empoderamento – no sentido de tomar o poder para si – também se reflete no espaço urbano quando a rede é utilizada para mobilizações nas ruas da comunidade e para buscar melhorias de serviços públicos e de condições de vida, bem como a resolução de problemas pelas mãos dos próprios moradores.

As publicações mostram também que a principal utilização das redes sociais não é para que os moradores tenham conhecimento do que acontece do outro lado do mundo, mas sim que o desenvolvimento tecnológico possibilitado pela globalização (SANTOS, 2006) é utilizado para buscar a resolução de problemas locais que afetam os moradores no dia a dia, evidenciando o caráter localizador das redes sociais, destacado por Miller (2007). As particularidades das comunidades também se percebem na atribuição de sentidos diferentes para hashtags semelhantes. A #clickdomorador na PPG Informativo é empregada com intuito de denunciar flagrantes de irregularidades na comunidade, enquanto a #clickdemorador na página Rocinha em Foco é utilizada para valorizar as belezas cotidianas sob a ótica dos moradores. O que mostra o compartilhamento de valores simbólicos diferentes de acordo com a apropriação das plataformas e a vivência dos moradores em cada território de informação.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo investigar quais os processos e as características da formação de multiterritorialidades em plataformas digitais a partir de páginas de bairros no Facebook. Para tal, foram analisadas as publicações feitas durante dez dias, em novembro de 2017, em três páginas de bairros, do Rio de Janeiro PPG Informativo e Rocinha em Foco e de Santa Maria, Loteamento Cipriano da Rocha. Concluiu-se que a formação de multiterritórios se dá por meio da criação de perfis e páginas na rede social, nos quais é possível ter um controle sobre o fluxo de informações. Nos perfis esse controle é feito pelo próprio usuário, enquanto na página essa é uma posição ocupada pelo administrador. Destaca-se que a o fluxo de informação que circula entre esses territórios constitui processos contínuos de territorialização e desterritorialização.

Este trabalho tornou possível perceber também que a convergência dos perfis para as páginas de bairro no Facebook contribui para o fortalecimento da ideia de comunidade, uma vez que os usuários não são obrigados a curtir ou seguir as páginas para ter acesso ao conteúdo, mas os fazem. A ideia de pertencer a um território virtual, ligado a um território físico, colabora para o senso de coletividade e de responsabilidade compartilhada a serviço do bom funcionamento da comunidade. Se todos têm empregos, se conseguem se proteger de trocas de tiros, se usufruem de adequada infraestrutura, a comunidade como um todo vai estar bem.

Assim percebe-se que a criação de territórios coletivos, como as páginas de bairros, tem como objetivo a busca de uma maior autonomia não só comunicativa, mas também gerencial. O maior número de publicações classificadas como Serviço e o alto índice de interação dos usuários com as publicações de Denúncia, mostram uma descrença no poder do Estado em resolver os problemas da comunidade e de prover os direitos básicos dos cidadãos, entre eles o acesso à informação, saúde, educação e segurança. As publicações que mostram a resolução de problemas pelos próprios moradores, como aquelas com as tarjas de “resolvido”, corroboram com esse descrédito no poder público e a busca pela resolução de problemas por conta própria.

Assim conclui-se que a formação de multiterritórios no Facebook faz parte de um processo de busca de poder coletivo, para que se possa ter um efetivo fluxo de informação que chegue até os moradores das comunidades periféricas, sejam elas em grandes cidades como o Rio de Janeiro, ou cidades do interior como Santa Maria, com o intuito de resolver problemas cotidianos sem a necessidade de depender da ação dos entes públicos.

Referências

ALMEIDA, Denise. *O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Revista Formadores: Vivências e Estudos, Cachoeira: Instituição Adventista Nordeste Brasileira de Educação e Assistência Social, v. 7 n. 1, p. 74-77, jun. 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ENNE, Ana Lúcia. “A favela tá atuando e dispensando os dublês”: a construção, consolidação e expansão de múltiplas redes culturais e comunicacionais a partir de favelas e periferias do Rio de Janeiro. FERNANDES, Cíntia, MAIA, João, HERSCHMAN, Micael. *Comunicações e territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco, 2012.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

HINE, Christine. *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury, 2015.

JOHNSON, Telma. *Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologias e técnicas qualitativas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LEMOS, André. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis*: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. Artigo pesquisa do Grupo de Pesquisa em Cibercidades (GPC/CNPq) do Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura. 2005. Disponível em:

<<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

LEMOS, André. *Mídia Locativa e Territórios Informacionais*. Artigo pesquisa “Tecnologias sem fio de comunicação e informação. Cidades e novos territórios informacionais”. 2007. Disponível em:

<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf>. Acesso em 30 nov. 2017.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007. Disponível em:<

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003>. Acesso em: 13 jul. 2019.

MILLER, D. HORST, H. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Revista Parágrafo*, São Paulo: FIAM-FAAM, v. 2, n. 3, p. 91-111, jul./dez. 2015.

NUNES, Pablo. *Crime e polícia no #RiodeJaneiro*: relatos em páginas do Facebook. Segurança e Cidadania, Rio de Janeiro: Instituto de estudos sociais e políticos, out. 2017.

PARISER, Eli. *O filtro invisível*: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAVANELLO, Alice. *Comunicação na periferia*: um estudo exploratório das manifestações populares nas plataformas digitais por comunidades em busca de visibilidade. In: XL Intercom Nacional. Universidade Positivo, Curitiba, 2017. Anais eletrônicos disponíveis em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2164-1.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

RECUERO, Raquel. *Curtir, compartilhar, comentar*: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Revista Verso e Reverso*, Porto Alegre: Unisinos, v.28, maio/ago. 2014.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*: técnica e Tempo, Razão e Emoção 4ed. 2reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Texto recebido em: 28/10/2019

Texto aprovado em: 06/02/2020